

O espectro do autismo no programa Profissão Repórter

Tiago ABREU¹
Ricardo PAVAN²

GT 2 - Práticas Socioculturais

RESUMO

A abordagem do autismo em produções midiáticas é um desafio e alvo de debates ao longo da história do transtorno. Este artigo analisa a edição “Autismo”, veiculada pelo programa Profissão Repórter em junho de 2019, com os pressupostos dos estudos críticos do autismo e a Análise Televisual Convergente (ATC) como metodologia. Com uma abordagem incomum sobre o diagnóstico e o impacto nos campos da saúde e educação, a produção proporcionou debates dentro e fora da comunidade sobre exposição, representação e políticas públicas. O trabalho revela que a edição em questão promoveu uma percepção biopsicossocial do autismo e de atenção aos impactos sociais da deficiência.

Palavras-chave: Autismo, Televisão, Profissão Repórter

INTRODUÇÃO

No ativismo do autismo no Brasil e no mundo, as mães dos autistas usam os espaços midiáticos para abordar o transtorno de seus filhos. A história do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é marcada por relações midiáticas, seja tanto a partir do ativismo parental propriamente dito quanto pelo discurso médico popularizado em entrevistas para jornais e revistas, programas de televisão e obras literárias.

A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) e a décima primeira edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-11), definem o TEA como um transtorno do neurodesenvolvimento, com impactos na comunicação e interação social e comportamentos restritos e repetitivos (FERNANDES; TOMAZELLI; GIRIANELLI, 2020).

METODOLOGIA

Um dos casos recentes de maior notoriedade de abordagem do autismo na televisão aberta foi a edição “Autismo”, do programa Profissão Repórter, exibida em 19

¹ Mestrando em Comunicação, UFG, tiagoabreupro@gmail.com

² Doutor em Comunicação, Unisinos, pavan@ufg.br

de junho de 2019 pela Rede Globo de Televisão. Este artigo propõe a análise da edição supracitada, com um hibridismo de duas categorias da Análise Televisual Convergente (ATC), de Becker (2019) com os elementos dos estudos críticos do autismo.

A ATC, segundo Becker (2019, p. 78), é “uma ferramenta flexível para a análise de telejornais e de programas televisivos”, que permite análises críticas no campo da comunicação acerca dos seus modos complexos de produção e veiculação. Os estudos críticos do autismo são um conjunto de estudos e pesquisas interdisciplinares sobre o tema (RUNSWICK-COLE; MALLETT; TIMIMI, 2016) que permeiam diferentes saberes sobre o transtorno num viés crítico.

Entendemos que seja possível fazer uma relação entre a ATC com os estudos críticos do autismo pelo fato de que um dos objetivos dos estudos críticos do autismo, segundo Orsini e Davidson (2013, p. 12), é de ter o “compromisso de desenvolver novos quadros analíticos usando abordagens metodológicas e teóricas inclusivas e não redutivas para estudar a natureza e a cultura do autismo” (tradução nossa)³.

O AUTISMO NO PROFESSÃO REPÓRTER

O Profissão Repórter foi originalmente lançado como um quadro do programa Fantástico - O Show da Vida, em 2006, e transformado em programa independente em 2008. É apresentado pelo jornalista gaúcho Caco Barcellos, com a participação de jovens repórteres. Um ponto central e estruturante sobre o Profissão Repórter, de acordo com Klein (2012), é a autorreferencialidade a partir da discussão e a crítica ao jornalismo.

Representação do autismo

No caso de “Autismo”, há uma tentativa de se representar o TEA a partir da noção do DSM-V com o uso de expressões populares adotadas pela comunidade do autismo. Os níveis 1, 2 e 3 são expressados pelos termos “leve”, “moderado” e “severo” (CHIMURA, 2020). Todas as pessoas autistas trazidas na reportagem são abordadas em um contexto de educação e/ou saúde, eixo que norteia uma discussão sobre os recursos pedagógicos disponíveis aos autistas nas redes de educação pelo país e o cumprimento de direitos previstos na legislação vigente.

³ “Commitment to develop new analytical frameworks using inclusive and nonreductive methodological and theoretical approaches to study the nature and culture of autism”

A representação do espectro no Profissão Repórter se encontra com uma questão de grande debate na comunidade do autismo. Qual seria a “cara” do autismo? O Profissão Repórter escolheu a maior parte dos casos como “severos” e do gênero masculino. Os jovens repórteres Eliane Scardovelli, Nathália Tavolieri e Júlio Molica abordam um total de dois autistas descritos como nível 1, dois autistas nível 2 e seis autistas nível 3.

A reportagem também reflete a centralidade do papel materno, uma tendência da história do autismo a nível mundial (LOPES, 2019; DONVAN; ZUCKER, 2017) que nos faz pensar sobre a dimensão do cuidado no contexto da deficiência. Bumiller (2013) destaca que, desde quando a noção de “mãe geladeira” de Bruno Bettelheim estava em xeque, tornou-se possível o surgimento de um movimento de cuidados por parte das famílias, com ênfase na desinstitucionalização. Por outro lado, isso também fez com que familiares fossem os principais responsáveis pelo desenvolvimento de seus filhos.

Os custos e os sujeitos envolvidos na relação com a deficiência, neste sentido, são explorados na reportagem do Profissão Repórter. Com exceção de um caso mais representado por um pai, são as mulheres que abdicam dos seus afazeres para cuidar dos filhos. O programa não evita exibir lágrimas e vulnerabilidades das mães – muito pelo contrário – as expõem com zooms e closes.

O caso André Padilha

Na reportagem, André é identificado como um homem de 30 anos que vive acorrentado há 15 anos. Apesar de receber o diagnóstico de autismo na infância, André nunca tinha sido alvo de algum tratamento. Sem o desenvolvimento de fala e com autoagressões frequentes, Marisa, a mãe de André, teria escolhido amarrá-lo com correntes em casa a maior parte do dia.

O caso gerou comoção na comunidade do autismo, com vaquinhas sendo promovidas para financiar um tratamento. Isso nos faz pensar sobre como a produção se expande a partir das formas como a audiência interage e também responde a casos ali apresentados, pois

O entendimento das maneiras como a experiência e a memória audiovisual da realidade são construídas todos os dias na tela da tevê implica entender que suas significações são modeladas e atualizadas tanto pelas lógicas da mídia quanto pelas audiências em complexos jogos discursivos (BECKER, 2020, p. 223).

André é um homem adulto mas, ao mesmo tempo, não possui autonomia suficiente para deixar um consentimento claro sobre a exposição do próprio caso. A escolha de Caco Barcellos pode refletir quão complexo pode ser apresentar alguém já desumanizado em tela, apesar da exposição ter trazido um benefício posterior para a própria qualidade de vida de André.

Canabidiol e as evidências científicas

Outra ênfase relevante dada pelo Profissão Repórter centrou-se no uso de canabidiol para o autismo, o tema mais controverso da reportagem. O uso em pessoas autistas tem sido incentivado por uma série de estudos com evidências anedóticas, com a ausência de ensaios clínicos randomizados de larga escala que possam sugerir a eficácia, principalmente a longo prazo (ARAN et al., 2019).

Apesar disso, o programa se apoia no estudo de Schleider et al. (2019) para justificar a atenção de figuras da comunidade do autismo para o uso de óleo de cannabis. A edição do Profissão Repórter traz a figura de dois médicos, associações que produzem de forma legal e clandestina, além de relatos maternos. Mesmo que haja uma tentativa de expor o desespero de famílias, há uma tendência a uma defesa do uso de cannabis – o contraponto é dado em menor tempo por um médico.

Essa relação de diferentes pontos de vista, tensionados até onde seja possível pelo Profissão Repórter, nos faz lembrar de Siqueira (1998), que observa o pouco interesse dos programas de televisão na influência que o repertório social tem nos discursos de pesquisadores.

O debate relacionado ao canabidiol se assemelha ao que Ortega, Zorzanelli e Rios (2016, p. 67) dizem sobre as “guerras do autismo” (tradução nossa)⁴ no país, caracterizada especialmente por disputas de quais intervenções são mais eficazes para o transtorno, a noção de autismo como deficiência e as representações do diagnóstico nos meios de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há uma dimensão biopsicossocial do autismo no Profissão Repórter, afinal a produção escolhe abordar a falta de cumprimento de políticas públicas já existentes para

⁴ “Autism Wars”

o autismo e que teriam impacto positivo em famílias desgastadas pela falta de recursos e de apoio do Estado.

Um dos aspectos do programa, no ambiente convergente, foi a capacidade de criar discussões na própria comunidade do autismo. Principalmente por conta do caso André Padilha, a produção conseguiu penetrar debates comumente não explorados em outras produções jornalísticas sobre autismo na televisão e, indiretamente, provocar mudanças.

Em mais de 10 anos de existência, o Profissão Repórter busca passar uma imagem de comprometimento com as questões sociais. Segundo Rocha (2013), ao evidenciar a presença das câmeras, mostrar cenas de bastidores e com repórteres inseridos como personagens, o programa assume um discurso de transparência, o que pode ter favorecido a abordagem do autismo na edição.

REFERÊNCIAS

ARAN, Adi et al. Brief report: cannabidiol-rich cannabis in children with autism spectrum disorder and severe behavioral problems—a retrospective feasibility study. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 49, n. 3, p. 1284-1288, 2019.

BECKER, B. Análise Televisual Convergente; um procedimento metodológico para ler os processos comunicativos de telejornais e programas televisivos. **Galáxia** (PUC-SP), v. 42, p. 69-81, 2019.

BECKER, Beatriz. *Jornal Nacional*:: Estratégias e desafios no seu cinquentenário. **ALCEU**, v. 20, n. 40, p. 206-225, 2020.

BUMILLER, Kristin. Caring for autism: Toward a more responsive state. In: **Worlds of autism: Across the spectrum of neurological difference**. Minneapolis: University of Minnesota Press p. 143-168, 2013.

CHIMURA, Willian. Autismo e ativismo pela Internet. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde**, v. 21, n. 1, p. 129-139, 2020.

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **Outra sintonia: a história do autismo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017. 664p.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, 2020.

KLEIN, Eloisa Joseane da Cunha. Circuitos comunicacionais ativados pela autorreferência didática no jornalismo: o caso do Profissão Repórter. Tese (Doutorado

VI Simpósio de Discursividades Midiáticas
"Paulo Freire e Comunicação: diálogos e aproximações"
22 a 23/11/2021

em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

LOPES, Bruna Alves. Não Existe Mãe-Geladeira: Uma análise feminista da construção do ativismo de mães de autistas no Brasil (1940-2019). 2019. Tese (Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

ORSINI, Michael; DAVIDSON, Joyce. Critical autism studies: Notes on an emerging field. In: **Worlds of autism: Across the spectrum of neurological difference**. Minneapolis: University of Minnesota Press, p. 1-28, 2013.

ORTEGA, Francisco; ZORZANELLI, Rafaela; RIOS, Clarice. The biopolitics of autism in Brazil. In: RUNSWICK-COLE, K.; MALLETT, R.; TIMIMI, S. (Orgs.). **Rethinking autism: diagnosis, identity and equality**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2016. p. 67-89.

ROCHA, Alisson Paiva. O protagonismo dos repórteres e a legitimação do real nos bastidores do Profissão Repórter. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RUNSWICK-COLE, Katherine; MALLETT, Rebecca; TIMIMI, Sami (org). **Rethinking autism: Diagnosis, identity and equality**. Londres: Jessica Kingsley Publishers, 2016.

SCHLEIDER, Lihi Bar-Lev et al. Real life experience of medical cannabis treatment in autism: analysis of safety and efficacy. **Scientific reports**, v. 9, n. 1, p. 1-7, 2019.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo. **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 21, n. 2, 1998.